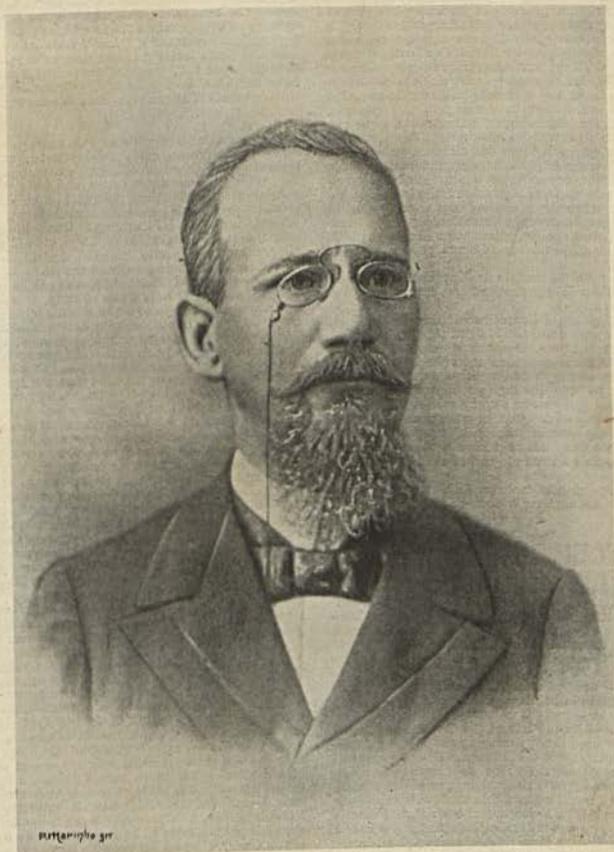


BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1902

N.º 73



Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves

CANDIDATO À PRESIDENCIA DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

POLITICA INTERNACIONAL

Ficámos a nossa chronica anterior com a noticia da intervenção amigável da Hollanda para a terminação da guerra sul-africana. Parecia que finalmente, cansados de uma lucta absolutamente estéril, senão contraproducente, os boers se aproveitariam da occasião que lhes proporcionavam para poderem, a troco da independência que de modo nenhum terão, salvar a sua raça do inevitável extermínio, que será o termo final da malfadada teimosia, que os cega. Pois não foi assim? Mais uma vez, venceu a intransigência, e novo derramamento de sangue, que seguirá se a recusa dos boers em aceitar a unica paz possível, que a Inglaterra lhes pôde oferecer, no actual estado da lucta.

E para que continuem elles a guerra? Para conseguirem melhores condições? De modo nenhum. E' este um dos casos em que cada dia de demora só servirá para agravar a situação dos vencidos. Os boers, que indubitavelmente possuem no mais alto gráo a coragem militar, e que pelo seu valor guerreiro escreveram uma das mais bellas paginas de que pôde ufanar-se a historia, não tem a coragem moral sufficiente para se confessarem vencidos, nem a coragem civica de sacrificarem ao bem commun o que hoje já principia a ser criminosa obstinação. *La valeur n'est héroisme qu'autant qu'elle est utile*, e nunca melhor do que no caso presente teve rigorosa applicação o proloquo francez.

O que admira é que a Hollanda se abalançasse ao passo, que deu, sem previamente se haver assegurado da acquiescência dos boers. Apresentando-se a intervir, sem procuração de uma parte, e sem acceitação da mediação n'estas condições da outra parte, a situação do gabinete neerlandez é, sob o ponto de vista diplomatico, muito singular. Se cousas d'estas podessem ser tratadas de leve, pareceria a Hollanda a obra de Kuyper. A não ser que o procedimento do primeiro ministro neerlandez se explique por motivos de ordem interna. E' sabido, com effeito, que o actual presidente do conselho de ministros da Hollanda era, quando se encontrava na opposição, partidario entusiasta de uma intervenção hollandeza a favor dos boers. Tem a este respeito a sua opinião comprometida em mais de um discurso. A inação a que pela força das circunstancias, sobre este ponto essencial do seu programma, se viu condemnado desde que subia ao poder, tem-lhe enfraquecido o prestigio indubitavelmente, e d'ahi a necessidade de fazer alguma cousa, para se desempenhar do incommodo compromisso, mesmo com a convicção de que nada alcançaria. Assim a intervenção do chefe do governo neerlandez teria sido um acto apenas para a galeria, como costuma dizer-se em linguagem parlamentar, justificado sómente pelas exigencias da politica casiera.

Se esta não é a explicação do acto do dr. Kuyper, a attitude da Hollanda n'esta questão, além de diplomaticamente incorrecta, pôde ser-lhe politicamente desvantajosa.

Como commentario eloquente á intransigência dos chefes boers, communicou lord Kitchner uma noticia, cuja significação no momento actual decerto a ninguém escapará. O commandante em chefe do exercito ingles na Africa Austral, depois de ter conseguido ao general boer Vilonel para levantar um corpo de burgheres de 1,500 homens, destinados a combaterem ao lado dos ingleses contra os seus compatriotas. O general Vilonel apressou-se a communicar este facto ao ex-presidente Stejn, informando-o de que esta medida era a resposta á obstinação d'elle, em teimar na continuação de uma guerra absolutamente inutil. De resto não são estes os primeiros boers, que estão no lado das tropas britannicas combatendo contra as forças dos chefes boers.

Um facto d'esta ordem, quando tanto se falla na intransigente resistencia da nação boer em aceitar o dominio do vencedor dispenha commentarios.

Ainda não ha muito que nos occupamos da nova orientação que principia a revelar-se nos círculos politicos da Inglaterra a respeito da politica estrangeira, especialmente nas relações do imperio com a Russia. Foi a *National Review* que encontrou o debate, advogando a aliança dos dois imperios, cujas divergencias não seria difficil de conciliar por mutuas concessões, em cousa alguma oppostas aos interesses de cada um. Assim, na opinião d'esta importante revista um accordo anglo-russo deve substituir a aliança sonhada um dia pelo sr. Chamberlain entre a Inglaterra e a Alemanha. A Alemanha é o inimigo, contra o qual se devem tomar todas as precauções.

Um movimento identico começa a desenhar-se na opinião publica franceza, que muitos julgavam inclinada a quaesquer aproximações com o imperio allemão.

Foi a revista do celebre advogado Labori, *La Grande Revue*, a que por seu turno veio levantar em França a mesma questão, que a *National Review* iniciou em Inglaterra. E' o mesmo o caso que o coronel Piquart, o sympathico e ineterato heroe do processo Dreyfus, quem se faz o propagandista da nova orientação, que se deve imprimir á politica externa franceza. Também é contra a Alemanha que essa politica deve ser dirigida, pois que nunca um accordo entre a França e o imperio germanico poderá realizar-se sem ter por base a retrocessão da Alsacia e Lorena, e jámais a Alemanha pela sua parte consentirá n'essa retrocessão. Pelo contrario um accordo ao mesmo tempo uma aliança com a Inglaterra é o que mais convém á França.

O coronel Piquart discute os artigos publicados pela *National Review*, e decidindo-se sobretudo pelo aspecto militar da questão, sustenta que uma aproximação da França, da Italia e da Inglaterra, mesmo sob a base de simples neutralidade na hypothese de uma guerra franco-allemã, daria á França vantagens militares de primeira ordem. A republica poderia n'este caso chamar das suas colonias to-

das as tropas, que ali não fossem estritamente indispensaveis para a policia local, enquanto que a esquadra franceza reunida á russa, tornar-se-hia senhora do mar Báltico e do mar do Norte. Se esta aproximação com a Inglaterra ainda se tornasse mais intima, a ponto de se converter em verdadeira aliança, as vantagens d'esse accordo seriam incalculaveis. O dominio do mar seria tão completo em tal caso, que a Alemanha se veria impossibilitada de importar as substancias de que carece.

Confessa Piquart que duas difficuldades ou antes objecções se apresentam para uma aliança anglo-franceza. Em primeiro logar as sympathias da França pelos boers e a triste impressão causada pela guerra sul-africana. Em segundo logar a recordação de Fashoda, de que ainda sangra o patriotismo francez. Com relação a esta ultima opinia Piquart, que ella não tem bastante importancia por si propria para impedir a realização da aliança entre as duas nações. Emquanto ao conflicto do Transvaal, acredita o articulista, que elle contribuiu para a criação de um verdadeiro exercito ingles, de modo que depois da guerra a aliança da Inglaterra seria mais util do que antes.

Como se vê do que muito succintamente resumimos, parecem desenhar-se no horizonte da Europa novas combinações politicas, que ainda mais provaveis se afiguram depois do discurso do conde de Billow a respeito da triplice aliança. O que em todo o caso não soffre duvida é que a Inglaterra, em vez de sair da guerra sul-africana arruinada e decadente, tirou d'ella novas forças para o engrandecimento do imperio, cuja aliança começa a ser cortejada pelos proprios, que não ha muito lhe prophetisavam a ruina. Resolver-se-ha a Inglaterra a renunciar á *splendid isolation* em que até agora se tem mantido? Tudo leva a crer que sim; e não será temerario afirmar que depois de se ter havido a aliança com a Alemanha, e a aproximação das antigas alianças, assumindo a Grã-Bretanha preponderante situação. Contra quem? A historia dos dois ultimos annos fornece os elementos para a resposta.

Ao escrever estas ultimas linhas chega-nos pelo telegrapho uma noticia deveras sensacional. Não se trata d'esta vez de qualquer projecto theoretico de novas alianças, existentes apenas no papel, mas de uma aliança acabada de realizar, e cuja existencia não é revelada a *ex-abstracto* por um documento official da chancellaria inglesa. A Inglaterra e o Japão assignaram um tratado de aliança para a mutua defesa dos seus interesses no Extremo-Oriente, obrigando-se explicitamente a defenderem a integridade da China e da Corea, e a socorrerem-se reciprocamente, quando qualquer dos dois aliados for atacado por mais de uma potencia ao mesmo tempo.

A importancia d'este tratado, o seu alcance não limitado a politica oriental, embora d'ella só trate, e as consequências provaveis que n'um proximo futuro d'elle vão derivar-se, elevam-no á categoria de um dos factos mais importantes da historia contemporanea. Conforme n'este mesmo artigo previamos, a Inglaterra decidiu se a não do *«splendid isolation»*, em que ha tantos annos teimára em fechar-se. O que mais surpreendeu os círculos politicos da conferencia, foi o momento escolhido para levar a cabo esta convenção diplomatica, pois todos suppunham a Inglaterra na hora actual unicamente preocupada com a guerra sul-africana. Sob este ponto de vista o effeito foi verdadeiramente theatral; realçando-lhe ainda o imprevisto o segredo absoluto em que o convenio se conservou quasi quinze dias depois de assignado. D'esta vez não ha duvida de que a diplomacia britannica ganhou uma assignalada victoria.

A importancia do tratado foi desde logo sentida em todas as chancellarias, e muito embora em Berlim se affecte acreditar que a nova dupla aliança é apenas dirigida contra a Russia, é certo que a Alemanha e a França são por ella igualmente visadas. N'este ponto em Paris foram mais sinceros ou apreciaram melhor os factos, considerando o tratado inquietador pelas consequências eventuaes, que pôde ter. Não ha duvida, que o primeiro problema grave, que a nova dupla aliança tem a defrontar, é a questão da Manchuria, incluída, conforme a declaração de lord Lansdowne ao parlamento, no tratado, visto a provincia de que se trata fazer parte integrante da China, e as duas partes contractantes haverem-se obrigado a defender a integridade d'este imperio. Mas se por este facto a Russia é a primeira potencia visada pela aliança anglo-japonesa, não se segue que ás dez mais nações interessadas na politica oriental e especialmente na França e á Alemanha, ella não diga egualmente respeito. Declara emphaticamente o tratado, que as duas partes contractantes acceitam o actual *status quo* na China, e o defendem, resolvendo-se apenas a intervir se algum tentar destrui-lo. Que significa esta declaração senão o *«seto»* posto ás ambições da Alemanha sobre a região visinha da zona de Kiau-Tchau, e ás velledades de expansão da França pelo lado sul do imperio? Não se affirmar-se que se actualisasse já existisse ha alguns annos, nem a França, a Russia e a Alemanha se teriam imposto ao Japão para rasgarem o tratado de Shimonsaki, nem a esquadra allemã se haveria apossado de Kiau-Tchau, o que levou a Russia a estabelecer-se em Porto Arthur. Quer dizer, se alguns annos mais cedo se houvesse realizado o accordo entre as duas potencias, que agora se ultimou, outra seria hoje a situação do extremo Oriente e por consequente da politica internacional.

Se foi, porém, até certo ponto tardia a aliança da Inglaterra e do Japão, para evitar acontecimentos que são já agora irremediaveis, porque tem a força do facto consumado, nem porisso (e até talvez porisso mesmo), a sua influencia politica hoje em diante vai deixar de ter um enorme alcance na evolução politica do seculo, que começa.

então, sem solicitações, sem convite, por interesse próprio, á procura de um juro que os seus paizes lhe recusam, e de uma collocação, certa aqui, difficil lá fóra. Não é p'ém esse o nosso caso. O agio do ouro não póde desaparecer, n'um regimen de inconvertibilidade, senão pelo equilibrio da balança dos pagamentos, ou por successivos empréstimos em ouro. Este segundo remedio seria peor do que a doença. Prolongava a, mas depois matava. Havia de ser a visita da saúde, como diz o nosso povo, dos moribundos que melhoram na vespera do passamento. E' por isso o equilibrio de todos os nossos pagamentos a solução que se deve procurar para o grave problema, e é com effeito atraz d'ella que se anda ha muito tempo por caminhos diversos, dos quaes nenhum vae dar a essa desejada Roma, ao contrario do que se diz no adagio. Em taes condições, é certamente grande erro desaproveitar as parcelas da fortuna estrangeira, que tanto poderiam concorrer para aquella solução, despedindo-as, em vez de as chamar e acolher.

ANSELMO DE ANDRADE.



DR. JOAQUIM FREITAS



Nasceu em Santa Maria de Belem do Pará, a florescente cidade do norte do Brasil, que em poucos annos tão grande desenvolvimento tomou.

Joaquim Freitas formou-se, muito novo ainda, em direito. Pouco tempo depois partiu para a Europa, e no velho continente, em viagens repetidas, completou a sua educação, illustrando o seu espirito irrequieto, ávido sempre de conhecimentos e de estudo.

No regresso á sua patria, o dr. Freitas entrou para a magistratura, carreira a que quasi todos os annos diz um adeus temporario para visitar o nosso paiz, onde conta amigos dedicados e sympathias que soube conquistar pela sua honestez de trato e seriedade de caracter.

O "Freitinho", tal é o diminutivo carinhoso por que todos o conhecem — diminutivo que elle deve á sua pequena estatura. Mas ao vê-lo passar nervoso e febril, um observador intelligente poderá applicar-lhe a phrase do parlamentar portuguez:

"Os homens não se molem aos palmos."



BRITO ARANHA E ALFREDO DA CUNHA

Dois nomes dos mais illustres e queridos na imprensa jornalística figuram hoje n'esta pagina do *Brasil-Portugal*. Ao primeiro já em tempo esta revista prestou justissima homenagem, que n'este momento renova ao recordar outra, mais vasta e mais eloquente que não só a imprensa, mas altos representantes de diversas classes sociais, tributaram, na tarde de 27 de Janeiro ultimo, a esse distinctissimo escriptor que preside á direcção da Associação dos Jornalistas de Lisboa, e que tão su-

periormente dirige a mais util e popular das folhas diarias do paiz: o *Diario de Noticias*.

As sympathias que no nosso meio social o dr. Alfredo da Cunha tem conquistado pelo seu talento e pelo seu caracter, bem se disseram e accentuaram n'esse imponentissimo banquete, realiado no Hotel da Europa em sua honra e em honra de Brito Aranha, o velho profissional da imprensa portugueza, o que de mais longa data tem prestado serviços ao jornalismo e ás letras.



Pedro Wenceslau de Brito Aranha
Redactor principal do *Diario de Noticias*

Bem merecia Brito Aranha esta homenagem, simultaneamente prestada a elle e ao seu companheiro de trabalho, tanto na Associação como no jornal. E' ao *Diario de Noticias* que o velho e honrado jornalista tem prestado mais largos serviços, ininterruptamente, n'uma larga serie de annos sem jamais afrouxar no trabalho, sem enfraquecer um momento n'uma dedicação sempre crescente.



Alfredo da Cunha
Director do *Diario de Noticias*

Foi, porém, ao presidente da Associação dos Jornalistas que a homenagem do dia 27 foi mais especialmente tributada, e bem em relevo foram postos os assignalados serviços que essa associação deve áquelle que desde o seu inicio a ella preside.

O *Brasil-Portugal* associa-se com o maior fervor e com o maior entusiasmo a essa homenagem, das mais justas e das mais grandiosas que na nossa terra se tem prestado.

como desgostos e escuras como cúmes, sem passeios, abrem-se continuamente diante de mim! Palácios enormes, predios altíssimos, parece que caem em cima de mim! Carruagens em fila, com ingleses de nariz para o ar, dão-me encontros! E eu não encontro, não vejo a harmonia das linhas, a beleza das construcções, a riqueza dos edificios, que depois hão-de encantar-me e prender-me como a todos encantam e prendem!

— Santo Antonio dos Portuguezes, onde é?

— *Per la destra.*

Per la destra... são bairros e bairros, sem alinhamento, de ruas escuras, escorregadias, feias como o diabo, que me desorientam, enquanto um verdadeiro formigueiro de gente passa em todos os sentidos e bandos de padres, com sotainas de todas as cores, se cruzam comigo a todas as esquinas. O ar é pouco, a claridade é rara!

E eu não descubro nos recantos desses bairros, escondidos, as mil obras de arte em que depois hei-de regalar os olhos. A' pri-



Egreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma
Uma das capellas lateraes

meira vista tudo me parece velho e triste como um trecho da *Favoria* tocado n'um realejo fanhoso!

— Sabe me dizer onde fica, etc., etc? ...

— *Per la sinistra.* ...

Mas foi então n'uma cidade como esta, n'uma encruzilhada de lagédo, que se passaram os maiores factos da Historia? Poder-se-hão ter idéas grandes, concepções grandiosas, n'esta cidade em que os leitos das ruas são concavos, onde não ha verdura, alegria, ar? ...

— *Per la destra.* ...

As praças que attraverso são tortas, os palácios que vejo são em travessas; um ar de mysterio, de tristeza, de acanhamento, palpita nos rostos dos habitantes, nos ornatos dos edificios, nos monumentos, nas igrejas, a todos os cantos!

Como ainda não vejo as pedras de Miguel Angelo, nem os frescos de Raphael, como ainda não entro nos edificios que me rodeiam para ver quanta belleza, quanta riqueza encerram, um grande desanimo me assalta e quasi penso em voltar á nôite para os paizes onde cuido que existe a verdadeira esthetica, onde o sol brilha e as arvores alegram o ambiente!

— E' então? ...

— *Per la sinistra.* ...

E continuo a andar, a andar! Volto aos mesmos sitios onde já estive. Não saio do coração de Roma, que é afinal, como succede com algumas pessoas, a sua parte mais feia... As ruas não são paralelas nem rectas. A mesma rua gira sobre si propria. Os largos não orientam. N'uma rua mais comprida do que as outras pergunto onde estou.

— Está no Corso.

Estou no Corso! Dir-se-lhe que estava na rua de S. Bento!...

Esguia e sombria, mais esguia e mais sombria ainda parecendo porque os seus palácios são enormes, não me dá a sensação de movimento e de curiosidade que depois me ha-de dar, e em continuo n'ella a sentir uma intensa desillusão, um não sei quê de va-

gamente triste, que me faz quasi odiar essa Cidade Eterna, que d'aí a poucos dias ha-de parecer-me bella, como certas creaturas cujos encantos se nos revelam pouco a pouco, dia a dia, n'um coquetismo cruel e pausado!

Mas quando os meus nervos, a *bout de forces*, se arripiam, e eu já não posso positivamente aturar Roma, e quasi páro de desanimado que estou, dou com os olhos nas armas portuguezas!

Parece que renasço!

Estou á porta do Instituto! Estou á porta da Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes!

No chão da entrada a palavra *Salve* dá-me uma alma nova!

Um creado vem falar-me em portuguez! leio letreiros portuguezes! Estou na minha patria!

E quando me sento, extenuado, á espera de Montevarde, em uma poltrona, no salão onde se vêem os retratos dos nossos reis antigos, é tal a sensação de alegria e de bem estar que me acaricia, e é tão bello e tão agradável aquelle ambiente da patria que se respira, que até o Senhor D. Sancho I me parece um lindo homem, apesar da sua horrivel e desconsoada péra, que Deus tenha em sua santa gloria!...

ANTONIO BANDEIRA.

Francisco Ribeiro Pinto Guimarães

PRENTAMOS hoje homenagem a um dos portuguezes que mais souberam honrar se, honrando o seu país — o commendador Pinto Guimarães. Nasceu em Guimarães em junho de 1828 e aos 11 annos partiu para Pernambuco, onde casou em 05 com D. Maria Amelia dos Santos. Na sua longa vida commercial conseguiu deixar uma grande fortuna ligada a um nome sem mancha — a melhor parte da herança que legou aos seus filhos.

Vivendo durante 60 annos no Brasil, a sua religião era a sua patria, que nunca renegou como tantos outros. Devem-se-lhe serviços relevantes. Fez parte de todas as instituições portuguezas, sendo fundador da maior parte d'ellas. Foi provedor do Hospital Portuguez e presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, bem como da Associação Commercial e Agricola. Generoso e bom, acompanhou o movimento abolicionista, e, depois de uma das suas viagens á Europa, em 1884, libertou todos os seus escravos. Perspicaz e intelligente o seu conselho era sempre acatado pelos que o consultavam. Os seus ramos de philantropia são o mais levantado elogio á memoria d'este homem que a morte ceifou em Portugal, para onde veio em abril do anno passado, em busca de alívio ao mal que o minava. Pinto Guimarães morreu em Lisboa e repousa no jazigo do seu grande amigo Silva Torres, nos Prazeres.

No tempo do imperio galardoaram-o com a commenda da Rosa. O governo portuguez conferiu-lhe a commenda da Conceição, sendo-lhe dada a mercê de moço fidalgo da Casa Real.



FRANCISCO RIBEIRO PINTO GUIMARÃES
† em 21 de outubro de 1901

Uma opereta portugueza

TIÇÃO NEGRO



EM variadas significações o exito colossal obtido pela peça de Lopes de Mendonça e Augusto Machado. Mas, a que sobreleva a todas, e que muito principalmente aqui procuramos frisar, é a que se traduz em uma larga sympathia e um anhelante desejo pela revivencia do theatro nacional.

E' positivo que o publico está cansado de estrangeirismos exóticos, de exhibições de personagens que não conhece, de situações que não comprehende, de acções passadas em terras extranhas, que em nada o interessam. É a arte, por mais primorosa e apta que seja para dar a emoção, por mais complicados processos que empregue para despertar o interesse, chega por fim a cansar a attenção e embotar a sensibilidade dos que se fatiam de procurar inutilmente assumptos portuguezes, que em terra portugueza, com personagens portuguezes, encerram elementos da vida dramatica nacional, onde a alma portugueza se reconheça, onde vibre o sentimento patrio, onde, por cada uma das scenas a que assistimos se reparta a vida, o sangue, os costumes, a tradição da nossa raça.

A este desejo latente em todos os espiritos que pela arte se interessam attribuímos o exito do *Tição negro*; a critica que nem sempre é justa, e os criticos que em pontos de vista tão radicalmente costumam divergir uns dos outros, unificaram-se d'esta vez na mesma fórmula de ver, de apreciar, e de louvar o trabalho, que não obstante assentar em coisas velhas representa uma innova-

entarr dos archivos, em proveito da arte de theatro, tantas obras primas que n'ellas jazem, na maior parte desconhecidas tanto do publico como dos criticos.

Não deve contudo omitir-se que o exito d'estas obras theatraes para ser completo carece de muitas condições e de muitos requisitos. O espirito investigador, o trabalho litterario do poeta, que as traga para a ribalta e com uma arte superior faça de velharias um encanto e dê ao passado um ar de novidade, é muito, mas não é tudo. E tanto comprehende isso mesmo o sr. Lopes de Mendonça que não quiz pôr em scena a sua peça sem a ver rodeada de todos os elementos indispensaveis para a completa comprehensão dos seus menores detalhes. Arranjou logo quatro collaboradores, cujos nomes e cujas competencias eram uma soceja garantia. O que são as scenas do *Tição negro*, o que ellas tem de archeologia, de verdade, de cor, de arte, enfim, só podem dizelo os que foram velas. E' para aquelles aos quaes esse gozo espirital não coube, que reservamos alguns espaços n'esta Revista, onde estampamos essa primorossilima scena do 1.º acto que Villaga sabiamente esboçou e Samarans scenographou com o mais abalizado conhecimento da sua arte, e a scena do 2.º acto, em que poderosamente se revela mais uma vez o sentimento inimitavel e o poder artistico de Manini.

O outro preciosissimo collaborador foi Augusto Machado, que fez deliciosa musica, a qual do principio ao fim, especialmente nos trechos lyricos, de um rythmo suave, se escuta com prazer e enlevo.

Outro valioso collaborador, sem o qual não poderíamos ver tão bellamente posta em scena a farsa de Lopes de Mendonça, é Sousa Bastos. Só um empresario *doubt* de um homem de letras teria a comprehensão parallela ao arrojado de exhibir deante do publico com todos os requisitos do theatro de Gil Vicente, a começar pelo artistico e suggestivo cartaz, uma peça que o publico podia não entender bem e aceitar mal.

Foi com orações que a acceptou, e procedeu com justiça, quanto mais se attente em que coube ao desempenho uma boa parte d'esse exito. E no desempenho cabe a principal gloria a Falmira Bastos que de uma maneira deversas superior representou o seu original, fresco e delicado papel, cantando com arte e sentimento os trechos que o polvilham, e mostrando mais uma vez, atravez da declamação, que está alli o estoffo, a materia prima, a arte de uma grande actriz dramatica.

Outro papel excellentemente desempenhado é o do hespanhol Aguafuertes, que tirou grande partido de todas as hespanholadas ditas com emphase de Matamouros. Gomes não conta outro de tanto exito na sua carreira de theatro. E se cittaesmos ainda, pelo bom trabalho que o publico victorioso, Alfredo de Carvalho, Jesuina e Roldão, teriamos justificado o que acima escrevemos sobre a larga percentagem com que para o exito obtido contribuiu o excellento desempenho do *Tição negro*.

As gravuras que hoje damos foram feitas sobre as magnificas photographias tiradas por Arnaldo Fonseca, ao relampago do magnésio, expressamente para o *Brasil-Portugal*, que á empresa do theatro Avenida agradece as deferencias que dispensou ao nobre collaborador para o brilhante resultado obtido pela sua objectiva.



Lopes de Mendonça
Autor da peça o *Tição negro*



Falmira Bastos

ção, porque é justo confessar-se que o auctor do *Tição negro* resolveu uma das grandes difficuldades que se podiam antolhar a um escriptor de theatro, por mais experiente e victorioso que tenha sido, como o sr. Lopes de Mendonça.

Excavar uma obra antiquada, joear os archaismos, separar os termos obsoletos, passar em revista a galeria dos personagens, e trazer para a moderna scenas que despertam uma nota de curiosidade ou de interesse, e apropriar a linguagem de fôrma a dar lhe o resabio antigo sem lhe tirar nenhum dos encantos, nenhuma das vibrações da sua construcção de hoje, e entre tantas situações, que d'antes emocionavam, e hoje deixariam frio ou fariam rir de troça ou encolher os hombros de enfado os que a ellas assistissem, ir buscar enfim a essa opulenta mina que se chama Gil Vicente o filio de uma obra portugueza e tornar-a hoje escutada por nós com amor, é não só encontrar a solução de um difficil problema litterario, mas tambem prestar ás boas letras um relevantissimo serviço.

E se, isolada que fosse, muito valeria essa tentativa, e se de tão brilhantemente a pôr em acção cabem rasgados louvores ao auctor do *Tição negro*, maiores e mais assignalados lhe ficará por certo devendo a litteratura portugueza quando elle, sem se fatigar no seu empreendimento resurgidor, traga para a scena outros costumes, outras epochas e outros personagens, e continue a des-



Augusto Machado
Auctor da musica do *Tição negro*

JAYME VICTOR.

*Tição negro*—1.º acto*Tição negro*—2.º acto*Tição negro*—3.º acto

TIÇÃO NEGRO

ALVORADA

Aug. Machado.

♩ = 58
And. no
um poco
Mosso

Para u... ma 'strella que de lem me fo de si mulo o
the era singular con quista de Pro. me.

poco sf.

Thar mas can to para o sol que nasce ho je noutro lo gar Su mam-sembro na es.
Theu So por ha ver - te quera de esta vista tre para o ceo Fon. gas fu... rias an.

tre l'as na du. re achama dose an. re. bel minh al ma in flama ca. di an... te sol Por ti sus pi. ro por
dis por teu res. pei to he quero ap. por en che me o pei... to do teu splen. dor Sim meu a... mor e me che me

Sfesto tempo And.

ti sus pi. ro ra. di a n te Sol
en che me o pei. to do teu splen. dor

poco cresc.

Se dormis don-zel la despertar e a... Bri Que qor. tirma es. trella desmaian do Vi a... Bri a ja nel la a

Bri por picada de a... Bri a... Bri a... Bri que a ultima es. trell. la des mai an... do Vi.

cresc. *poco sf.*

Oh fogo e

1ª Vez.

2ª Vez.

Oh fogo e

Um grande janota português

(Manoel Browne)



OS DOIS BROWNES — o Ricardo e o Manoel — foram dois personagens marcantes na sociedade portuguesa dos meados do século findo. Os indagadores do passado, os que fazem saber as figuras antigas da mirra das ruínas e do pó fenerario dos archivos, não encontrarão talvez figuras mais interessantes na galeria dos janotas de raça. O janota d'aquella epoca tinha um certo cheiro especial, meio civil e meio militar. Parecia haver recolhido a herança jacente de Lauzun, de Cicheleu, de Brummel e de Byron, cujos prestigios galhardava como um manto de púrpura e como um estandarte. Sua vida é uma salada russa de pugilatos, raptos, desafios e osculos alados, doce como as caricias de duas pomadas. Torna-se elegiaco e complicado, liga uma importancia capitalissima ás menores futilidades, morre por um sorriso, mata por uma resistencia, delira por um beijo. O xadrez de umas cartas e o alfabeto de uma gravata, a harmoniosa magestade de uma redingote lamartinianna, o desenho de um collete de setim, constituem preoccupações absorventes, que hoje pareceriam ridiculas e anachronicas, mas que tinham a sua razão de ser, porque taes frivolidades operavam seguramente no espirito das *leias* e das *trouffes*, mediante esse encanto indefinivel, essa infiltração lenta, que se chama — a sedução.

O arbitrio da moda punha uma attenção meticulosamente judicious nos infimos detalhes da sua *toilette*, profundava a arte do adorno, entregava-se a argutas parafrasas dandysticas no recolhimento do seu gabinete, entre a subtilidade dos perfumes, a irrisação dos frascos de crystal lapidado, os brilhos marmoreos dos *lavabos*, as refregulências dos espelhos, a scintillação doirada dos mil accessorios ligados ao refinamento das elegancias. O seu guarda-roupa torna-se um templo de Delphos, o seu alfabeto em verso e a calça assentava com as tres pregas regulares sobre o sapato envernizado ou como cahiam as dobras fofas da capa Carlos V ou da capa Cromwell. E esta obsessão do fato transpira na litteratura. Os romances de Balzac estão repletos de descrições das *toilettes* dos seus heroes embellecidos. Rastignac, La Falerine e Luciano de Rubempré, não escaparam a esse minucioso inventario litterarista. Ao lembrar a sua vida, não nos esquecermos um velho album de Deveria ou de Gavarni.

Os dois Brownes eram filhos de Manoel de Clamoussé Browne, negociante de vinhos estabelecido na rua dos Inglezes, no Porto. A mãe d'elles, D. Maria da Felicidade do Couto Browne, senhora de alta cultura intellectual, foi uma poetisa de merito, e, sob o pseudonymo de *Soror Dolores*, escreveu numerosos artigos nos periodicos portuguezes, as quaes reuniu em dois volumes, em 1857. Tomou parte na porfosa lucta litteraria entre a *rosa branca* e a *rosa vermelha*, lucta em que interveio o plectro de Camillo Castello Branco. D. Maria Browne falleceu em 7 de novembro de 1861, sendo sepultura na igreja da Lapa. O ultimo membro d'esta respeitavel familia, Nicolau de Clamoussé Browne, morreu no Porto em agosto de 1900.

Ricardo Browne viajou muito e janotou principalmente no Porto. Entre os bellissimos elegantes portuguezes coevos destacavam-se: Eduardo Chamisso, Payant, conde de Casal (Diogo), Almeida Camões, Vasco Guedes, José Guedes e Joaquim Guedes (da casa da Costa), e Antonio Bernardo Ferreira. Ricardo Browne tornou-se, em sociedade com o primeiro, um mundo de *haut volée* como o Manoel (tambem foi mais tarde) e avezar pôr a mão em concha junto á orelha a fim de reforçar a audição, contagiou de surdez fingida a mocidade seica. Porque tinha escrophulas no pescoco, trazia uma fita preta ao alto da cabeça, no intuito de se encobrir. Foi houte bastante janotas que macaquearam essa usança. Foi o marechal da *rua dos pois tripeira*, o chefe da theocratica do peralismo da rua de Santo Antonio, um mundo de *haut volée* que garganteava suavemente com voz de baixo, tocava violoncello, jogava as armas, compunha charadas e burliava rimas em honra das damas, (1) e apresentava, primeiro que ninguém, as equipagens *dernier cri*. (2) Estava mais apparehado com instrução que seus irmãos e sabia, quasi que de cor, Shakspeare, Byron e outros poetas inglezes e francezos. Foi um triumphador, que, sob o nosso ponto de vista, jámais viu empalidecer a sua estrella, jámais coitcheu as areias de Cambyzes.

Manoel Browne janotou sobretudo em Lisboa. Foi um janota

que tocou o galarrim, um *dandy* com sceptro e lenda. Recordo os mosqueteiros de Alexandre Dumas, porque possuia o fogo cavalheresco de Artagnan, o imperturbavel sangue frio de Aramis, a nobreza de Athos e a musculatura de Porthos. Não joga parelhas com pessoa alguma; é elle mesmo, pessoalissimo, *ipississimus*, segundo a expressão de Plauto. A altivez impetiosa do seu perfil sympathico vai-se diluindo no horizonte alongado do longuissimo passado. Que pena que não possamos biographal-o em n'um estylo ataxiado de pedrarias, bordado de passamanas, vestido de adjectivos vermelhantes como granadas, de epithetos esmeraldinos como a agua em que Ophelia vai procurar o somno eterno! Que pena que as palavras estejam gastas por terem servido tanto, que estejam sem relevo como as moedas antigas, e que não possamos cunhar o pensamento sobre o metal sonoro de uma nova medalha!...

Manoel Browne era um cavalleiro, em todos os sentidos comportados pelo termo. Como um hero de Tiro de Molina, tambem poderia dizer que era *corto en palabras*, *pero largo en obras*. Bravo, generoso, elegante, mas excentrico com um travo de inglezias, apparecia em toda a parte onde a vida reveste exterioridades brilhantes, ri, scintilla, espuma e trastordia como o Chateaubriand das facas. Apresentava um aspecto marcial e primava pela impeccabilidade rigida da *toilette* erigida em dogma: sobrecassa preta á Lamartine — que vestia com a *aisance* do duque de Orleans ou do duque de Morny —, calça á Hussard, gravata preta de laço e botões de madre-perola no peitinho da camisa. Nunca trouxe anéis de pedras fuzilantes nem relógio de ouro, mas simplesmente um bom relógio de prata. Manoel Browne teve bastos copistas. Muitos se valiam dele como o modelo e o modelo de todos os janotas circulo das suas reluzentes lisboetas contavam-se as individualidades primazes do mundanismo: os Canavarros, os Palhas, o Talone, o Villar Perdiges, Domingos Ardissou, Jorge de Avilez (por alcunha o *Lute de Avilez*), o marquez de Niza, o Zagallo da Quintinha, D. Luiz da Camara Leme, D. João de Menezes e Antonio Bernardo Ferreira. Concorria assiduamente aos saraus selectos: do conde de Farfallo, do marquez de Vinham, do conde de Albuquerque e das *leias*, do conde de Thalia, da Assembléa Ingleza, onde se deram finissimas reuniões. Liberal de condição, os dez contos de réis, que sua mãe lhe mandava, eram dissipados na borrasca alegre da prodigalidade. Pedro Jacome Correia, depois conde de Jacome Correia, habitou juntamente com elle durante annos. Morou tambem no primeiro andar do predio n.º 25 (hoje n.º 19) da rua das Flores, onde offerecer lautos almoços e jantares á portuguezia. Os seus convivas, entre os quaes se notavam o marquez de Fronteira e D. Carlos Mascarenhas.

A vida de Manoel Browne não discorreu só entre a frivolidade amoviosa dos salões e a ociosidade pandilha dos clubs, como discorre a dos nossos queridos *gommosos* — uns apparatus de espirito que não arruinam o cerebro por excessos de aventuras emocionaes, mas se valiam do batedor-se como um leão, luctou, arca por arca, com os mais barbas, nivelou-se, barba por barba, com os mais pundonorosos. Já em 1835 era militar com o posto de alferes. Melejou no Algarve e tomou parte na perseguição á guerrilha do *Remezido*, no que andou acamorado com o *Paz Geral*, depois segundo commandante da guarda municipal. Um bello dia, metteu alguns contos de réis na bolsa e partiu para Argel, á cata de aventuras emocionaes. Ahi assentou praça nos batalhões argelinos combatendo, com destemor, ao lado de MacMahon e de Canrobert, que se carteariam sempre com o seu valoroso subalterno. E como o impavido Browne não se contentava em ficar na penumbra dos papeis de segundo plano, teve tres ou quatro cavallos mortos debaixo de si, foi elogiado em varias ordens do dia e condecorado no campo de batalha. Continuando a manifestar seu temperamento vesuviano, patilou no tempo da Maria da Fonte, alistando-se n'um esquadrão de cavallaria de voluntarios. De modestia pouquissimo vulgar, nunca se enfeitou com as condecorações, e raras amigos sabiam que elle as tinha. Uma vez, em que estava doente e recebera a visita do sr. Antonio Bernardo Ferreira, pediu a este que lhe tirasse certo objecto da gaveta da commoda. O sr. Ferreira puxou a, mas com tanta violencia, que se abriu de chofre, e obrigou a vir do fundo á frente um estylo contendo diversos artigos de valor. A Maria da Fonte respondeu-lhe, admirado, o que significava aquilo, ao que Browne respondeu com olympica serenidade, n'um laconismo lapidar: — "Tolices, tolices do meu tempo de rapaz!"

Em Lisboa praticou todas as proezas possiveis e faizeis. Certa occasião, dois boileiros reingões — que tanto manejavam a navalha como a arremagada geringonça bordelgea — negaram-se a desentruarem o nariz d'um nasarista de nome Marquez. O Marquez respondeu-lhe *adieu hier*, e renovando a scena do marechal de Saxe em Londres, estatelou os a murro no meio da calçada, e escamugiu-se na sege de um terceiro, que rapidamente o levou ao seu destino. Nunca foi esquivo de gratificações chorudas. Nas batidas para Cintra, era sempre elle quem dava mais aos aurigas das traquitanas. O Browne fazia a corte a uma actriz franceza, que estava no theatro D. Fernando, e, uma noite, metto alvorçado, tentou correr a pistola na faceta, porque suspeitou que alguma palhaava com elle. D. João de Menezes dissuadiu-o cordadamente do arroj. Troux um desafio á pistola com Teixeira de Vasconcellos, motivado por uns ditos trocados entre ambos de fronte do Marrare de Polimento. D'este recrote, foram testemunhas o conde de Mello e o visconde da Asseca (pae). Tambem se bateu no florete com Camillo Castello Branco, por causa de uma questão meindrosa, e desarmou-o fazendo-o voltar a lamina. Não o matou, porque não que os passados tempos, voltaram a ter um conflicto a chicote no hotel Universal, ao Chiado.

Como estamos em maré de desafios, citaremos outros que fizeram ruído. Teixeira de Vasconcellos foi levado ao terreno pelo Lauias (depois conde), que seguiu a quella a Paris, onde bisou o duello, ficando o escriptor ferido na bocca. Duarte de Sá, que disparara umas remonões ferrotentas a um Athayde, appellidado o *Mosco*, official de cavallaria e primo de Mousinho de Albuquerque, não aceitou o repto que este lhe propoz e andou escondido durante muito tempo, até que, uma vez, á sahida dos toros, o Athayde apanhou-o a gelito e deu-lhe uma sova mestra. Duarte de Sá dizia, depois, muito contente: — "Safa! Já andava cansado d'isto. Agora estou satisfaito!..."

Manoel Browne nutria particular amizade por D. Francisco de Almeida, ajudante de campo do Saldanha. Certa vez, o D. Rodrigo resentiu-se por umas phrases dubias do Browne, e mandou pedir-lhe explicações, encarregando essa missão ao sr. D. Luiz da Camara Leme, tambem ajudante de campo do duque. Nesta occasião, estava o sr. D. Luiz da Camara encarregado de outra pendencia entre o visconde de Athouguia e um Maia, dos Açores, pendencia determinada por questões jornalisticas. O sr. D. Luiz da Camara procurou o Browne em sua casa, na rua das Flores, mas elle recusou-se abertamente a dar explicações. Visto aquelle insistir por ellas, o Browne exclamou irritado: — "Como você passa por pimpão, vamos a regular já este negocio!" Manoel Browne fechou as portas da sala, e, d'ahi a minutos, appareceu vestido de mameluco, com dois sabres recurvos nas mãos, a fim de esgrimir com o sr. Camara Leme, o qual pediu que lhe dei-

sto? En vinha para te pedir um copo de vinho do Porto, porque estou com frio!... Ao escutar a voz amiga, o Browne sentou-se, fez servir o topazio liquido de um Porto odorifero, e os dois esgrimidores reconciliaram-se no campo da lacta. Mas o caso não ficou por aqui. Browne convidou o sr. Camara Leme para jantar com elle no dia seguinte, convite que foi accedido. Os mal-intencionados entenderam que a sazião era bem-proponcia para metter a sisania entre os dois, e começaram a propalar que Manoel Browne desejava fazer uma desfeita publica a D. Luiz da Camara. Este, que se preparava para o

Ribeirão Preto — BRASIL

JARDIM PUBLICO

que des-se e vies-se, subia o Chica do empanha de João de Andrade Corvo e Sant'Anna e Vasconcellos, quando topou de olhos com o Browne, conversando n'uma roda de amigos ao pé do Marrare. O sr. Camara Leme pediu aos dois companheiros que se afastassem, porque talvez fosse ter um conflicto com o Browne, mas nem elles o abandonaram nem o Browne o provocou. Fôra tudo uma calumnia adrede inventada pelos D. Bazillos. O Browne frequentava muito as tertulias de D. Maria Cruz, onde ia o Garrett, e supponho que foi este quem tratou da conciliação final entre os dois. Mezes antes de Manoel Browne fallecer, o sr. Camara Leme visitou o Porto, e aquelle não se esqueceu de ir ao hotel campimental e convidou-o para um almoço em sua companhia, almoço a que assistiu o visconde de S. Luiz (Pinto Soveral), e em que se trocaram os brindes mais cordias.

xasse tirar a sobrecasaca, para ficarem de equal partido. N'isto, porem, quiz o acaso — esse pseudonymo da Providencia — que batesse á porta da rua um amigo intimo do Browne, tio do sr. Borges Inhas. A criada implorou-lhe que corresse a separar os combatentes, e o Borges entrou logo pela sala dentro, gritando: — "Então que é

Cidade de João Tavares

Ribeirão Preto, para fazer indolemas mais florentinos do interior do Estado de S. Paulo, impozi-se á supplanção de indolemas que se costumavam fazer n'ella e mais importantes facanhas de eff. — o principal fim do qual se achava de ser, e mais importante facanha de eff. — o principal fim do qual se achava de ser, e mais importante facanha de eff.

Permitta-se-nos uma breve di-

gressão, a fim de relatar um acontecimento que nos foi contado por uma testemunha ocular, e cuja veracidade ahançamos. Em 1851, o sr. D. Luiz da Camara Leme estava no Porto, onde fóra para prestar o seu concurso ao movimento da Regeneração. Um jornalista de *A Patria* escrevera um artigoêho enxarçado de picuinhas depreciativas do sr. Camara Leme, que, sabedor das parvoêzas, procurou o escriba no theatro de S. João, a fim de elle retirar as apreciações offensivas do seu caracter impoluto. Com identica intenção estava Camillo Castello Branco, tambem doestado pelos pregões pasquinarios do gazeteiro saca-molas. N'um intervalo da peça, o sr. Camara Leme pediu ao tal artigueiro que viesse ao corredor das frizas, onde lhe perguntou se o conhecia, ao que respondeu negativamente. O sr. D. Luiz da Camara disse-lhe quem era e ao que vinha, mas o periodiqueiro declarou, bracejando com grandes

Portugal da Silveira. Mas o chibante Voluntario da Rainha encaprichou-se, e, prellhando o nectar da vingança, declarou no botiquim que iria, na outra noite, arrancar dois cabellos ao bigode do sr. Camara Leme, o qual, sendo prevenido por Almeida Campos e bacorejando algum enxovalho, dirigiu-se á rua de Santo Antonio, comprou um *casco-lête*, e tomou rumo ao theatro de S. João, onde se representavam *As Proezas de Richelieu*. Entrou na caixa, e, quando mal se procurava, foi aborçado pelo voluntario bravateiro, que lhe diz rispidamente: — "Compromettil-me a tirar-lhe dois pêlos do bigode, e venho cumprir a promessa! Palavras não eram ditas, e já o sr. D. Luiz da Camara lhe despedira uma bordoadá á mão tente, que o fez cahir redondo no sobrado. O reboliço é medonho. Correm os actores e Emilia das Neves, que, tentando acudir ao ferido, retira toda ensanguentada. O homem foi levado para casa em estado gravissimo, e ahí tratado pelo dr. Assis, por especial recommendação de Emilia das Neves. Dias depois, estalava o movimento revolucionario da Regeneração, acodilhado pelo Saldanha. O sr. D. Luiz da Camara estava para responder a conselho de guerra, mas o ferido desistiu do processo.

Santa Amélia



Linidissima imagem existente em uma capella de Rabirião Preto

Esta imagem, uma esculptura primorosa, 'existe hoje' modestamente n'uma capella do sr. Manuel Maximiano Juazeira, agricultor de Ribeirão Preto, interior do Estado de S. Paulo, no Brasil. É um bello trabalho que se deve a um artista portuguez, de Braya, João Evangelista Vieira, artista de valor incontestavel, como tantos outros que entre nós tem passando despercebidos. Santa Amélia foi benzida hu annos pelo arcebispo Primaz D. Antonio José de Freitas Honorato, e enviada para o Brasil, o pedido do actual vice-consul portuguez, o sr. Vianna de Sousa, que n'aquelle Estado tanto se tem efforcando para acreditar o nosso país. Evangelista Vieira é o autor do christo crucificado que existe no mosteiro da Fulperra, tão apreciado por estrangeiros.

gestos de moinho de vento, que jámais retirava o que escrevia. Então é que o bilhastre percebeu que errara a alpondra... O sr. D. Luiz da Camara applica-lhe duas bengaladas bem puxadas, que o deixam a escorrer sangue. Ha grande balburdia, e, neste començo, Camillo Castello Branco tosava igualmente o rabisicador escurril. A policia acode, prende o jornalista e o romancista, mas deixa livre o sr. Camara Leme, attendendo ao seu posto de official do exercito.

Um barbitzeo Voluntario da Rainha e outros frequentadores loureiros da *Avia de Ouro* quizeram insultar o sr. D. Luiz da Camara á sahida do theatro, ao que obtaram varios janotas do Porto, entre os quaes se contavam: José Guedes de Carvalho, os Brandões da Torre da Marca e Almeida Campos. No dia immediato, José Paulino de Sá Carneiro, chefe de estado-maior, participou o caso ao commandante da divisão, o conde de Casal, que mandou apresentar o sr. Camara Leme ao juiz do crime, que era D. João de

Revertamos ao assumpto primordial. Manoel Browne continuou sempre a cumprir religiosamente os ritos cavallheirescos. Tocou em todos os mundos, sem lhe esquecer o da diplomacia, porque foi quem primeiro exercitou as sorridentes funcções de ministro portuguez em Constantinopla, ... se bem que, entre a Baixa e Stambul, haja a distancia que separa dois planetas. Mas, é inclemencia do destino! funesto pendor o levou por fim ao alcoolismo. Todos os dias engulpiava uma botija de genebra! As cargas electricas do alcool deram com elle em razo. O delirio alcoolico saqueou lhe odiosamente o corpo, rasgou lhe a alma como se rasga uma velha carta amorosa e se atiraram os fragmentos, que vão borboletar no ether das desaperanças infinitas... A sua vida poder-se hia captular de romance, se o mais bello dos romances não fosse ainda e sempre a vida... E quando souu a hora fatal de apparelhar para os mundos desconhecidos da Morte, Manoel Browne tinha o direito inilludivel de pedir, como Henri Heine, que lhe collocassem sobre o athaide, não uma corôa, mas uma espada!

PINTO DE CARVALHO (Tinop).

- (1) As suas poesias ficaram quasi todas ineditas. Que nos conste, apenas publicou uma, e esta, em 1854.
- (2) Alberto Pimentel. *O Porto ha trinta annos*, pag. 37.

SUPPLICANDO

Das minhas quatro filhas uma dorme
Em seu leito de morte;
Quiz Deus mandar-me este supplicio enorme,
Quiz Deus, talvez, punir-me d'esta sorte.

Quando'alta noite a solgar de deserto
Dos pendellos que me affligem mais
As tres que vivem bem as sinto perto
A dormir nos seus leitões vigiâncas.

E deixo, então, que os sonhos se transformem
N'esta vaga illusão, bem singular:
— Que as minhas filhas, todas quatro, dormem,
Que as vou ver, todas quatro, despertar.

Porém, a aurora chega; ao abandono
Entra no quarto a natureza a rir,
As tres acordam do seu casto somno,
Mas a outra, meu Deus, fica a dormir!

Senhor, se és bom, permite que eu discorde
Da pena acerba que soffrendo vou;
A minha filha, oh, faz com que ella acorde,
Da-me o grupo gentil que se trancou.

Mas a ter de pangir-me esta amargura
Que a tua lei, Senhor, assim me impoz,
Faz eterna em minh'alma a noite escura,
Mas não faças da aurora o meu algoz!

Janeiro, 1902.

MAXIMIANO RICCA.

CHUVAS E CHUVISCOS

(ENTRE AS 10 E AS 11)



Tu cahiste. Eu posso spanhar-te, mas... se eu cair tu apanhas-me?



Não haverá por ahí alguém que saiba onde eu móro?



Amor acompanhado de furacão



Sinto os vapores da alegria invadir-me a alma



Você quantos são? Si fô um, pula p'ra o largo

(Brasil)

UM MONUMENTO A ANTHERO DO QUENTAL

Viriato Corrêa da Costa



A poesia moderna, a obra de João de Deus representa o sentimento d'um povo, a de Anthero synthetisa as aspirações d'uma época.

Ora ha tres estádios da exteriorisação do sub-consciente, que são Musica, Religiões, Poesia; n'esta corrente progressiva, — a primeira da evolução intellectual — são grãos consequentes a alma popular e o lyrismo. (1) A alma popular é uma manifestação simples da actividade collectiva, o lyrismo é a primeira manifestação superior; e na obra de João de Deus, tal processo realisa-se, e, no seclimento que escapou á plasticisação operada pelo genio do poeta, no seu luminoso estudo "*João de Deus e a renovação do moderno lyrismo*", o sábio Theophilo Braga chega mesmo a affirmar que com a obra d'aquelle se realisou uma regeneração da poesia, pela aproximação do elemento popular; — e assim se comprehende a brilhante apothese feita a João de Deus por todos os portuguezes, que n'elle reviam superiormente vulto, um pedaço d'alma commum.

Anthero seguiu-se-lhe; não teve honras realgrademais ou auras de triumpho, e comtudo effectou uma *étape* mais alem. Mas como a effectou?

Appareciam então na Europa os pródromos da grande batalha a que ainda hoje assistimos entre uma renovação oppressiva e uma civilisação educa; reinavam principios hegelianos, começava a influencia de Schopenhauer, ia surgir Nietzsche...

Parallelamente, á quebra d'um esforço politico com Metternich, succedia o triumpho de esforço identico com Bismarck, imitado por Victor Manuel; pouco depois, ia ouvir-se retroar no Congresso da Hay a voz de Bakounine.

A arte envolvida n'uma atmosphera miasmatica, a natureza reproduzida sem espontaneidade por processos convencionaes, o ultraromantismo litterario e musical, o academismo da pintura e da esculptura, derrotados respectivamente por Géricault e Delacroix, por Wagner, pelos Ruskinianos periphralistas e pelos impressionistas.

Foi então que appareceu Anthero do Quental, o maior luctador da segunda metade do seculo, da sua humidade e sem politica, apenas em nome das idéas, fez tremar as instituições; n'um mar de subjectivismo e escuravidar, prescurota a fibra ultima das philosophias, para d'uma grande sympathy pela mythologia christã philosophica, mais a deus acima, as religiões são imãs mais velhas — porque eu já o disse acima, as religiões são simples e impoz veneração da poesia — fortalecen as crencas dos simples e impoz veneração aos atheus, para maior concordia das almas. Foi um grande poeta, um profundo critico philosophico, um vulto colossal de pensador. Foi Anthero o Grande, Anthero o Santo, Anthero o Symbolo!

E tão poucos o comprehenderam no seu tempo! Foi a culpa inconsciente dos nossos paes, foi a Davidica, que o matou.

Comtudo, a sua influencia prodigiosa ainda hoje a sentimos todos nós. O pantheismo esboçado pela primeira vez nas *Odes*, desenvolveu-se em quasi toda a obra de Junqueiro, e veio por outro lado renovar-se n'outro poeta da geração dos symbolistas, Carlos de Lemos, nas faculdades criticas de Anthero, magnificas nas *Tendencias geraes da philosophia*, deixando um stigma n'a mais brilhante pleiade de analistas, á frente dos quaes estava o malgrado e o tizido Barreto; o nihilismo scientifico da 3.^a collecção de *Sonetos*, do origen ao "Anti Christo", que é o maior poema portuguez do seculo dezanove.

Menos imbuído de preconceitos metaphysicos do que Von-Hartmann, menos completo mas mais nobre do que Shopenhauer, incontestavelmente superior a Leopardi e mais profundo do que Bartrina, o grande Anthero realisa o complemento do grande João de Deus, e fórma com este uma entidade unica, apenas comparavel dentro do seu seculo a Campomior.

Todos o esqueceram, no afan ignobil de cévados que querem engordar por força; e é hoje criminoso, duplamente criminoso, o silencio dos que mais lhes devem.

Yamos! Urge resgatar estas faltas, em nome da nossa mocidade e da nossa fóra! Sômos novos, sejam os nossos e sobre os nossos, os nossos potentes de batalhadores que têm a certeza da victoria, a empreza nobre de glorificar Anthero, nosso paé espirital, terá uma realisação brilhante e uma grande significação.

Mas a iniciativa d'este recente movimento, é devida ao sr. Afonso Lopes Vieira e aos *poetas novos*. (2) Em primeiro lugar, direi que lhes devemos ser gratos por isso; era d'elles que menos se podia esperar tal resolução, elles não têm nada que os assemelhe a Anthero, não são comprehensivos, não são synthetistas (na sua obra em logar de humanidade, agitam-se automatados de feira), não são criticos. São impotentes, ignorantes, encaetés e sentimentos — logo só podem ser impressionistas; e esse titere muito conhecido, significativa ensinisação do Medusculo dos Povos, superstitioso, egotista, indolente, aléico e crepiscuro que é o sr. Lopes Vieira, symbolisa-os integralmente.

Sem julgo indispensavel frisar com clareza a sua pequenez, é para que, depois d'um elogio ás intenções momentaneas d'elles, não vá alguém crer que os adilio, ou que lhes applaudo mais do que intenções. Apenas leio com admiração as obras do seu chefe inconsciente Fausto Guedes Teixeira; com um grande talento litterario, lembra-me um poeta que chegasse muito mais tarde do que Musset, a um mundo mais ou mais velho. Tem demasiado Eu no seu Cosmos, como o heroe do extranho conto de G. de Maupassant, e fala-nos sempre de si interrompendo-se a cada passo para tomar folego, mas é muito apreciavel e está a uma grande altura dos poetas do grupo.



Nasceu um villa de Paivães, a dois passos de Coimbra, e reside em Santos, no Brasil, desde 1888. Chefe de uma importante casa de commercio, o sr. Viriato Corrêa tem sido uma dos maiores propagandistas de S. Paulo, conseguindo com muita paciencia e pertinacia acreditar as nossas indústrias, tão prejudicadas nã pela concorrência estrangeira.

Pelo seu valor e pelos seus serviços, está nosso compatriota, actualmente presidente do "Centro Portuguez, nome fazer já uma grande consideração e estava em Santos e em a interior d'aquelle estado, nas dos que saem propagueamente vice e que tem resistido a todas as crises economicas e financeiras.

Os outros vão amparados á historia, o que, segundo o documento experimental das litteraturas, é um signal de decadencia. O romantismo, que está entre as lendas medievae e a unificação das nacionalidades, não é uma prova do contrario, visto que fez passar a essencia das primeiras para o dominio da arte e provocou a segunda. Augusto Comte disse: "a poesia influe no destino da politica, e o nosso Oliveira Martins encontrou-se com elle: "a poesia foi e será sempre, chucidadora e medianeira... Mas se na evolução dos generos ella é precedida das religiões, na sua evolução especifica tem tido reflectivo o movimento social, para poder ser reflectida pelo reformismo.

Agora escolham Lopes Vieira & C.^{os}; reintegram a poesia no seu scope supremo, ou renunciem ao nome de poetas. O momento social consiste na descentralisação, levada até ao individuo, das forças que collectivamente valeriam tudo; a empreza a deduzir seria cantar a energia, apostolar a belleza moral que liberta as almas, produzir os fecundos movimentos de commum esforço.

Se o critério utilitario é o unico que nos salvará — não havemos de ir pedir aos nossos barbaros avós, estímulos para o dia d'amanhã; não devemos glorificar um tempo em que as galés singravam, mar alto, a conquistar pela força, povos que tenham sido livres. E se olhamos para a historia, que seja só para a segurar uma continuidade progressiva aos nossos conhecimentos, para não deixar perder as manifestações d'actividade dos nossos antepassados, para — vindo como o povo d'outras eras se desdobrava em energias sob o poder da superstição obscurantista — saber que novos fanatismos hão de exaltar as nossas heroicidades d'hoje.

Mostrei que divirjo dos mesquinhos ideaes néo-quincentistas; quero agora dizer que não se deve applaudir o projecto dos *poetas novos*, que consiste em "erigir a Anthero um busto em Coimbra", "representar o móço e do capa vestido".

Ora Anthero do Quental não foi grande em Coimbra, ou por lá ter sido educado. De lá, vem a nossa mocidade enfim de universalitarismo, e sentimental até á effeminação; traz além da "crôsta de ignorancia, de que fala Eça de Queiroz, a convicção de que a vida é uma grande tuna onde o que faz mais barulho é o que triumpho e a litteratura uma grande sebeta cujos *porquês* do *porquês* só ella combata.

Anthero foi grande, *apesar de ter sido bacharel*, coisa que toda a gente pôde ser. Representa-lo em móço é querer symbolisar o esturdiro bohemio de Coimbra, e não o immortal auctor dos *Sonetos*, mesmo pondo de parte a importantissima razão de que (dada a escassez de documentos do tempo) nenhum escultor tem o direito de impôr-nos, com um nome determinado, um boneco de sua lavra e phantasia exotica.

De resto, o parto do sr. Lopes Vieira, que é um lilliputiano das letras, devia ser, pelas regras da proporção, uma idéa macaca e pequinena. E o que nós queremos é uma commemoração digna do vulto que se va perpetuar — ou então o silencio, que é sempre preferivel ao ridiculo.

MANUEL CARDIA.

(1) A demonstração d'esta these não cabe aqui, e constitue a 1.^a parte d'um estudo esthetico em que o auctor vem trabalhando.

(2) Entendendo apenas por este titulo os "néo-quincentistas" e os "discipulos de Nobre e do Cesário".

TYPOS da Revista

Na Ponta da Unha

Original dos srs. ALFREDO DE MESQUITA e CAMARA LIMA



Actrizes Anacris Reis e Rosa d'Oliveira no quadro dos theatros, representando a *Rosa Engatada* e a *Severa*



Sarcus
(Actor Sarcos Mello)



Belicenda
(Actriz Aocacia Itau)



Liza Liberal
(Rosa d'Oliveira)



Actriz Raphael Foss
no jogo do Quadro da China



Gualdina — A comadre da Revista
(Actriz DEAZIS REITE)



Cybella
(Actriz ROSA D'OLIVEIRA)

MODAS

Fig. A

Vestido para meia estação

Em crepon azul escuro todo guarnecido a pespontos e fitas de velludo.

A saia, última novidade, é cortada em duas partes que se unem adiante e atrás por meio de uma costura. A costura da frente guarnece-se com um grupo de pespontos e de uma fita de velludo de cada lado. A borda da saia tem também umas poucas de ordens de pespontos e uma fita de velludo a toda a volta.

O corpo-blusa é todo pregueado atrás e um pouco tufado na frente abre sobre um petilho de seda cinzento claro.

Grande cabeção em panno cinzento salpicado de *pailettes* negras, guarnecido de uma fita de velludo e varias ordens de pespontos.

Manga direita caindo sobre um tufo de seda equal ao petilho e gola alta. Tanto o bufante da manga como a gola tem pespontos em forma ondulada.

Fig. B

Vestido de recepção

O modelo d'este elegante vestido é feito em panno setim côr de salmão e todo enfeitado a *broderie* de seda verde musgo.

A saia de seda, muito longa, é coberta em baixo com dois folhos de panno, cortados em forma e guarnecidos com a *broderie* verde.

A mesma *broderie* enfeita a primeira saia que cae sobre os folhos e as grandes abas, presas na cintura por uma fita de velludo verde musgo.

O corpo muito justo atrás é ligeiramente tufado nas frentes, que abrem sobre um colete de seda salmão, ornado com pequenos botões de phantasia e terminado por uma gola alta pespontada. Bandas guarnecidas de *broderie* completam este corpo tão elegante

Fig. A

Vestido para meia estação

Fig. B

Vestido para recepção

Fig. D

Vestido de primeira communhão

Em *mousseline* branca a saia d'este singello vestide cae livremente sobre uma outra de seda branca e é guarnecida apenas com pregas de diferentes larguras a toda a volta e um entremeio de renda. O corpo-blusa, todo pregueado, é assente sobre um petilho de *mousseline* feito em pregas atravessadas e enfeitado ao alto por um entremeio de renda formando quadrado.

Algibeira em seda branca guarnecida de galões, borlas e laços. Grande fita de *moiré* branco na cintura, e uma pequena touca de tulle enfeitada com *choux* e um amplo véu terminam esta deliciosa *toilette*.

As pessoas novas são como a natureza as fez; as velhas foram fabricadas pelas mãos muitas vezes desastradas da sociedade.

EDMOND ABOUT

Querer saber tudo aos dezeseite annos é o meio mais seguro de ignorar tudo aos quarenta.

P. DION

Historia: a vida das collectividades; romance: a vida dos individuos.

ALPHONSE DAUDET



zas pespontados sobrepostos uns sobre outros e cae sobre um tufo de velludo verde apertado n'um punho.

A terceira em velludo preto é franziada abaixo do cotovello e abre sobre um tufo de crepe da China cinzento, terminado por um largo folho de renda. As pontas da manga de velludo tem uma applicação bordada côr de laranja.

A quarta, em velludo *sordoré*, alarga a partir do cotovello e cruza uma parte sobre a outra em tres recortes, presos por botões grandes, de phantasia. Termina por um punho de panno branco rebordado de velludo verde e com uma *broderie* na mesma cor.

Uma pequena *patte* tambem bordada, liga o punho aos recortes.

A ultima manga, talvez a mais bonita e original é feita em sibelina, verde claro, pregueada de alto a baixo no lado exterior, aberta a partir do cotovello sobre um tufo de crepe da China branco com um largo entremeio de renda.

Um punho de velludo verde com voltados brancos remata esta manga, que ainda tem a adorna-a, laços de velludo verde com agulhetas no punho e no cotovello.

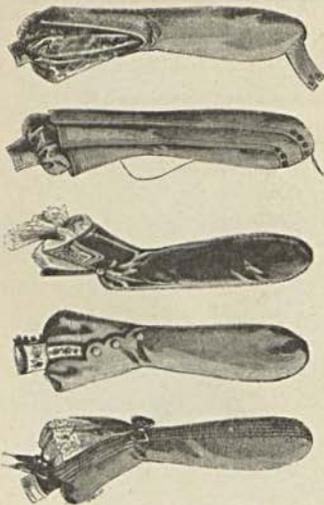


Fig. C

Novos modelos de mangas

A primeira, a contar de cima, é em panno azul escuro, formando *épaulette* no alto e abre, a partir do cotovello, sobre um tufo em seda lavrada, mesmo tom, terminando por um punho.

A segunda em panno cinzento escuro é feita de vie-

Fig. C

Novos modelos de mangas



Fig. C

Vestido de primeira communhão

BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Tzeto e capa - Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjõ Tevares

Editor - Luis Antonio Sanchez

Redacção e administração - Rua de S. Roque, 115

End. telegraphico - BRATUGAL - LISBOA

Paginas supplementares: Off.º Estrevo Nunes & F.º
Rua d'Assumpção, 18 & 24

ASSIGNATURAS

| ESTADOS UNIDOS DO BRASIL | | PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA | | ESTRANGEIRO | |
|--------------------------|---------|---------------------------|---------|---------------|---------|
| Numero avulso | 36\$000 | Anno | 52\$000 | Anno | 78\$000 |
| Anno | 3\$000 | 3 meses | 25\$000 | 6 meses | 48\$000 |
| | | 6 meses | 15\$000 | Numero Avulso | 3\$000 |
| | | Numero avulso | 3\$000 | | |

SUMMARY

Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, candidato á Presidencia da Republica dos Estados Unidos do Brasil.
Política internacional—CONSIGLIERO PEDROSO.
O Jogo—ANSELMO DE ANDRADE.
Dr. Joaquim de Freitas.
Reio Aranha e Alfredo da Cunha.
Roma á primeira vista—ANTONIO BANDIEIRA.
Francisco Ribeiro Pinto Guimarães.
Uma opereta portugueza—«*Tição Negro*»—JAYME VICTOR.
Obertura (musica do *Tição Negro*)—AUGUSTO MACHADO.
Um grande janota portuense—Manuel Broune—PARTO DE CARVALHO (Tinop).
Ribeirão Preto—Jardim publico.
Santa Amélia.
Supplicando—MAXIMIANO RICCA.
Chivas e Chuviscos—(Entre as dez e as onze)—LUIZ.
Um monumento á Anthera do Quental—MANUEL GARCIA.
Variado Corvã da Costa.
Tyros da Revista «Na ponta da unha»—MODAS.

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
 Representantes do «Brasil-Portugal».
 O «Brasil-Portugal».
 Falta d'espaco.
 João Antunes dos Santos.
 Meningite cerebro-espinal.
 Bom conselho.
 O argumento do Estado.
 O CEGO—Romance de PEREZ GALINDO.
 Cartas da Quinzena.
 ANNUNCIOS.

20 Illustrações

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brasil
 RIO DE JANEIRO e S. PAULO—Agencia Central dos Estados do Sul. Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Polito, Rua de Almeida, 4, sobrado.
 FERNAMBURGO—A. Leopoldo da Bivreira.
 PARAIBA—J. B. dos Santos—(Livreria Classica)—Eus. João Alfredo.
 MARIANA—Jayme e Camara—Livreria Classica—Rua dos Cordeiros, Moura.
 MARIANA—Leonio J. de Medeiros & C.º
 SALVIA—Belles Torres & O.º
 BELTÃO—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita de Palácio, 81.
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
 PORTO ALEGRE—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL—Carlos Pinto & C.º (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa
 MOGAMBEQUE—Julio Augusto Pinto do Carvalho.
 MORAMBANE—Joaquim Teixeira de Assumpção.
 QUELLIMANE—Henrique Jorge de S.ª Neves.
 LOURENÇO MARQUÊS—D. Bernardo Helvas da Silva de Lorenz.
 BÉLIMA (Guiné)—Casar A. Gonvalves da Silva Rostano, Director geral da Província.

Na India
 NOVA DOLA—Antonio M. da Cunha—Casa Luis Francisco—Rua Alameda de Albuquerque.

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 210.
 EVOPA.—(Agencia geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua de Mouraria, 27.
 BENAVENTE—J. K. de Carvalho.
 PORTO DE LIMA—Gama, Amaral & Com.º
 COIMBRA—João Ribeiro Arrobas, Arc do Ivo, 1.º
 CASTELLO BRANCO—Pedro Augusto Paisano.
 BRANITRES—Antonio Augusto Salgueiro.
 ELVAS—João Antonio dos Santos Sobrinho.
 A COBRAGA—José Narciso da Costa.
 PORTALEGRE—Domingos da Guerra Conde.
 LEDIA—Manuel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ—Antonio Marques da Oliveira.
 VIANNA DO CASTELLO—J. B. Domingues.
 GORCICH—José Pereira Cabral.
 TAVITIA—José Maria dos Santos.
 FAHO—Maya & Trigozo.

No Estrangeiro

PARIS—Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam o **Brasil-Portugal** os srs.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
 Zefirino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal) em Santos.
 Alberto de Silva Costa (rua do Barão da Lagaria, n.º 1), em CAMPINAS.
 Dr. João Guedes (rua do capitulo Miranda, 8), em AMPARO.
 A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.
 Rio Solimões—J. G. Mesquita (casa Andrezen)—MARÃO.

O «Brasil-Portugal»

Enceta hoje o seu IV anno, esta «Revista», que começa a ter já um passado artistico, que dispensa bem qualquer programma futuro.

O **Brasil-Portugal** é uma Revista essencialmente portugueza, feita para levar aos nossos compatriotas residentes na vasta republica dos Estados-Unidos do Brasil, a resenha viva dos grandes acontecimentos do Brasil e de Portugal.

Neste numero reserva-se o lugar de honra ao retrato do cidadão illustre sobre o qual, parece ve recair a escolha do suffragio, para a primeira magistratura do seu país.

Nas outras paginas dá-se conta dos factos mais sahentes da quinzena.

O **Brasil-Portugal**, que tem luctado com grandes difficuldades para manter a sua pontualidade, o que nem sempre tem conseguido, espera agora reaver, nos dois primeiros numeros, o tempo perdido. Se o obtiver, completará a unica falta que se tem dado na sua publicação.

Um dos primeiros numeros prestará homenagem a Victor Hugo e o outro a Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Outras novidades litterarias e artisticas prepara o **Brasil-Portugal** aos seus leitores, correspondendo assim a brilhantissimo acolhimento que d'elles tem merecido tanto em Portugal como no Brasil.

Falta d'espaco

A absoluta falta de espaco obriga-nos a retirar grande numero de noticias e artigos.

João Antunes dos Santos

Chegou a Lisboa, vindo do Brasil, no *Damube*, o sr. João Antunes dos Santos, abastado capitista em Santos, estado de S. Paulo. S. Ex.ª seguiu para a sua casa da Lourã.

Meningite cerebro-espinal

O augmento dos casos fataes d'esta doença, causou estes ultimos dias bastante pavor em Lisboa. A doença seguida de tres estudantes do Lyceu Central de Lisboa e a morte de um d'elles—Fernando Gomes de Amorim Parreira, rapaz de 15 annos, que estava já no 6.º anno—fizeram correr boatos aterradores sobre as condições hygienicas do lyceu. Logo se deram as mais promptas providencias para a desinfectação e outras medidas prophylaticas, no edificio do lyceu, mas depois averigou-se que não havia o menor motivo para esses pavores. O estudante que morrera succumbira a uma febre que não tinha esse caracter, e os outros dois companheiros doentes logo se restabeleceram.

O morto era filho do capitão de artilheria Parreira, e neto materno de Gomes de Amorim, o actor das «Memorias de Garrett», muito conhecido no Brasil.

Nos quartéis é que tem havido alguns casos, mas providencias rapidas tem obstado a propagação do mal. A doença infunde terrores pela torça com que ataca, especialmente quando encontra terreno proprio á sua dilrugação—como é sempre o terreno onde a hygienie é pouca.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
 — Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
 — Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tuo frânico!
 — Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o *Chocolate de Brussels*, que se fabrica no Moinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

O orçamento do Estado

O orçamento geral para o anno de 1902-1903, apresentado pelo Governo ás Côrtes, expõe claramente a situação financeira, que resume nos seguintes periodos:

«Do confronto das receitas previstas e das despesas autorizadas pela carta de lei de 12 de junho de 1901, com o que se propõe no presente orçamento, conclue-se:

Receitas previstas pela carta de lei de 12 de junho de 1901 — Ordinarias e extraordinarias: 52.269.747\$813 réis.

Despesas autorizadas pela dita lei e decretos da mesma data e 18 de junho de 1901: réis 55.496.561\$186.

Excesso das despesas sobre as receitas: réis 2.226.814\$006.

Orçamento proposto:
Receitas — Ordinarias e extraordinarias: réis 54.913.073\$490.

Despesas — Ordinarias e extraordinarias: réis 55.861.937\$628.

Excesso das despesas sobre as receitas: réis 948.864\$138.

Diminuição do deficit — 1.277.949\$868 réis, ou melhoria de recursos, apesar da avaliação das receitas ser inferior ás cobranças effectuadas no ultimo anno economico, em 669.368\$556 réis.

Semelhante resultado, que evidentemente demonstra o alargamento das receitas publicas, será decerto melhorado pelo progressivo e natural desenvolvimento das mesmas e pela sua melhor fiscalização.

Para melhor se poder avaliar estes allegamentos, vejamos como n'esse documento estão descriptas as despesas:

Despesas ordinarias:
Encargos geraes, 9.716.008\$149 réis.
Divida publica fundada, 20.739.310\$909 réis.

Differença de cambios, 400.000\$000 réis.
Servico proprio dos ministerios:

Fazenda, 3.839.851\$850 réis.
Reino, 2.850.692\$370 réis.

Ecclesiasticos e de justiça, 1.076.457\$592 réis.
Guerra, 6.403.776\$864 réis.

Marinha, 3.272.908\$450 réis.

Ultramar, 915.610\$000 réis.
Estrangeiros, 350.732\$260 réis.
Obras Publicas, Commercio e Industria, réis 4.782.144\$086.

Caixa Geral de Depositos e Instituições de Previdencia, 69.237\$800 réis.
Total — 54.416.809\$609 réis.

Despesas extraordinarias:
Fazenda, 107.650\$000 réis.

Guerra, 136.203\$019 réis.
M-rinha, 236.440\$000 réis.

Ultramar, 465.000\$000 réis.
Estrangeiros, 50.000\$000 réis.

Obras Publicas, 450.000\$000 réis.
Total — 55.861.937\$628 réis.

As receitas estão calculadas: as ordinarias em 53.991.073\$490 réis, e as extraordinarias em réis 922.000\$000.

Total — 54.913.073\$490 réis.

Portanto, o deficit é de 948.864\$138 réis. E' para o equilibrio d'estas sommas que devem convergir os esforços dos governantes. A receita tende a augmentar gradualmente; urge, portanto, certa parcimonia nas despesas.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

—E tu não sabes que tua mãe praticou um grande crime, matando-se, e que se tu a imitas, commettias outro crime igual? Não te ensinam isto?

—Não me lembro se me ensinaram essas cousas. Se eu quero acabar com a vida, o que é que tem os outros com isso?

—Mas tu não comprehendes que a Deus não pôde agradar que nos matemos? Pobre crença abandonada ao teu proprio sentir, sem instrucção, sem religião, sem uma influencia affectuosa

e desinteressada que te guie! Que idéas fazes tu de Deus, da Eternidade e da Morte? Quem te disse que tua mãe está no fundo d'aquelle abismo? A uns restos de ossos descartados e abandonados tu tuas mãos julgas que ella continúa vivendo pensando e amando-te dentro d'aquella caverna? Pois nunca te disse que as almas que se libertam nunca mais voltam aos corpos? Ignoras que as sepulturas, quaesquer que sejam, só encerram pó, decomposição e miséria? Como julgavas tu que seja Deus? Como um personagem morto grave, que está lá em cima de braços cruzados disposto a consentir que se disponha da nossa vida e que a substituamos por espiritos, duendes e phantasmas, que nós mesmos cremos? Pois cego, que és tão intelligente, nunca te disse estas cousas?

—Disse. Mas como não tornará a dizer-me isto nunca mais...

—E como não tornará a dizer-t'as nunca mais tu attentas contra a tua vida! Ora dire me o que doida: arrojando-a te esse abismo, que bestial julgavas tu encontrar? Pensas que estarias melhor do que no mundo?

—Sim, senhor.

—Como?

—Não sentindo nada do que hoje sinto. Sempre seria melhor ir ter como minha mãe...

—Vejo que és mais doida do que suppoz, disse Gólfim a rir. Sé franca commigo. Queres-me matar?

—Não, senhor. Eu não quero mal a ninguém muito menos ao senhor, que tem sido tão bom para mim e que deu vista a elle...

—Pois sim. Mas isso não basta. E' necessario que tenhas confiança em mim, e que me digas tudo que pensas. Porque tu tens certos segredinhos, que eu quero conhecer, todos, ouvidos. Verás como essa confiança alliva. Vamos: tomas em mim um bom confessor.

Mariela sorriu-se com tristeza. Depois elle xou pender a cabeça, e quasi sem querer, cobriu de joelhos.

—Então! então! Nela. Levanta-te! Exclamou Gólfim carinhosamente, obrigando-a a assentar ao seu lado.

(Continua)

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca, é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



Cartaz da Quinzena

Com o carnaval que se aproxima paralyssam-se as novidades theatraes e só se pensa nos bailes de mascarar. Abre-se no ent. no. uma excepção para o theatro de D. Amelia que dará brevemente a primeira representação da engraçadissima comedia que Eduardo Garrido traduziu com o titulo *O outro eu.*

S. Carlos. — Dá baile, um unico, na terça-feira gorda, no qual, a exemplo do que succede lá fora, se não pôde ter ingresso senão em grande *toilette* ou então mascarado.

D. Maria. — Não dá bailes, como os não dá já ha tres annos.

D. Amelia. — Dá cinco bailes, sendo o primeiro domingo magro e os quatro em noutes gordas.

Salão da Trindade. — Dá baile nas tres noutes de carnaval.

Colysen dos Recreios. — Quatro bailes, espaventosos, com correntes de agua e luz, fontes luminosas, etc.

Os outros theatros contentam-se em proporcionar aos seus *dilettanti*, as peças que estão chamando gente: revistas do anno na Trindade e Rua dos Condes; no Avenida, *Tiço Negro*; no Gymnasio, *O filho artificial.*

LEADO

ESPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS
E CIGARROS EM CARTEIRINHAS

LA UNION Y EL PERIX ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.

13.000.000.000 rês

De dividendos pagos desde 1864 até 1905

PREMIOS E RESERVAS 5.000.000.000

Direitos sobre lucros, applicado de 20 a 25 por cento

Equator Atlantico e Dutos Maritimos

Companhia Franca para a exploração de minas, salinas e florestas de transporte de qualquer natureza

Devolvem — Alca Nogar & Pêras

LISBOA — Rua da Prata, 20, 21

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

1, Rua das Flores — Largo do Quinze

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

CESAR A. PAIVA
Cirurgião Dentista

E

SUAS MAJESTADES E ALTEZAS
CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Medicos directores: J. Mauperrin Santos
J. Silvestre d'Almeida

Instalação hydrotherapica completa; duas salas de *douches* para homens e senhoras, inteiramente separadas e independentes; gabinete de electricidade e massagem. Massagem e gymnastica medica, dirigidas por C. de Sousa. Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberta das 8 h ás 12 da manhã e das 3 h ás 5 da tarde

ENTRADA: CALÇADA DO DUQUE, 20 LISBOA
ENTRADA: CALÇADA DA GLORIA, 15 LISBOA

HERMINIOS

GRANDES ARMAZENS

R. da S.ª Antónia
R. da S.ª Bandeira, 80

Estabelecimentos dentro do mesmo prédio. Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congéneros do estrangeiro. Venda de todos os artigos indispensaveis

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edicções da «Empresa Editora de Arthur da Silva». Rua dos Ouradores, 72 — Lisboa.

| | |
|--|--|
| <p>HISTORIA UNIVERSAL. — C. Cantus — Iniciação e creação do mundo até á nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Branco, 13 volumes, in-4.º gr., 2.ª edição, com 3.950 pag. e 24 gravuras, br. 25.000</p> <p>Em encad. inteira 15.000</p> <p>OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 a 1878 — C. Cantus. Versão pelo visconde de Azevedo — in-8.º, com 512 paginas e retrato do autor, br. 800</p> <p>Em encad. inteira no 1.º, inglez. 800</p> <p>DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA. — «Il. Jo e M. A. A. O. de Lacerda» Dicionario de symonias: Vocabulario da lingua Brasileira, do Turcy — Vocabulario do Guzaraty, 3 vol. in-folio, 5.ª edição, com 2.400 pag. enc. ind. 12.000</p> <p>HISTORIA DAS PERSEGUICÓES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Portugal e no Brasil, desde a idade media até aos nossos dias — Versão do hespanhol por J. Trindade, 3 vol. in-8.º, com 1.245 pag. e 12 grav. etc. 13.000</p> <p>Em 1/2 encad. franceza 12.000</p> | <p>HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA (BRAZIL). — Sebastião da Rocha Pitta — Desde o anno de 1500 até o de 1724 — Revista e annotada por J. Gomes Gooz, in-8.º grande, 2.ª edição de luxo 435 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch. 3.700</p> <p>Em 1/2 encad. franceza 2.500</p> <p>RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL. — Silveira Pinto e Visconde de Sanches de Brites — 3 vol. in-4.º grande, com 1520 pag., edição de luxo, com brazões de armas no texto, br. 10.000</p> <p>Em 1/2 chaprín, capa especial. 13.500</p> <p>O ENGENHEIRO FIDALGO D. QUIXOTE DE LA MANCHA. — «D. Miguel de Cervantes Saavedra» — Versão do Visconde de Benalcañor, 2 vol. in-8.º, com 1121 pag., e 31 grav. broch. 2.800</p> <p>Em 1/2 encad. franceza 2.800</p> <p>OS SERTEOS D'AFRICA. — Alfredo Sarmiento — Apontamentos de viagem, in-8.º, com 251 pag., e 15 grav. e 1 mappa do Ambriz, br. 500</p> <p>Em 1/2 encad. franceza 500</p> |
|--|--|

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRAGAS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL



Bilhares de precisão

COM A CHAVE YABELLA AMERICANA

MONARCH

Pannos, Tacos, Bolas e todos os accessorios

Jogos diversos de novidades — Cartas, Tentes e Fixas para todos os jogos

Vizua de José Alexandre de Senna

88 — Rua Nova do Almada — 88

CASA FUNDADA EM 1856

LISBOA

Pegam e catalogo illustrado

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 10

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 %, de 10 a 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 %, e commissão de 1/2 %, de 1 a 2 annos. Depósitos successivos: a prazo ou á ordem, vencendo 3 %, á ordem 3 1/2 %, ao prazo de 1 mes a 3 1/2, a 6 e a 9 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem varias propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompta ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doencas da bocca, collocação de dentes e correccão das deformidades nasais. Consultorio de 1.ª ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHESLADO)

PINTO ALVES & C.^A

(Casa fundada em 1870)

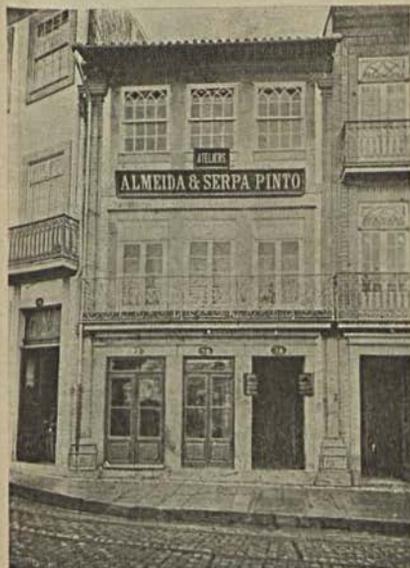
PERNAMBUCO

Armazem de assucar

Estivas e Cereaes

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES**Caixa postal 44**

Endereço telegraphico

PINTALVES**Modas e confecções**Últimas Novidades de Paris,
Londres e Berlim**ALMEIDA & SERPA PINTO**Succ.^s de Almeida & C.^a**PORTO - PORTUGAL**

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma senhora franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 79

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

GRANDE DIPLOMA DE HONRA
DA EXPOSIÇÃO DO 4.^o CENTENARIO

CASA MATRIZ E FABRICA

R. de S. Pedro, 38, 42 e 44

Esquina da

RUA DA QUITANDA

RIO DE JANEIRO

FILIAL

EM S. PAULO

Rua Florencio de Abreu, 34



Casa matriz — RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro
com officinas para fabrico
de arreios
(de qualquer qualidade)



COUROS,
ARREIOS
E ARTIGOS
PARA VIAGEM

Importação
de couros, e de
todos os artigos
para
selleiros, correeiros,
segeiros
e sapateiros



Casa filial — S. PAULO



JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

REIS & FILHOS

O maior e melhor sortimento em

ARTE NOVA**Relojoaria****Objectos de Arte****Pratas**

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO**COMPANHIA ANTARCTICA PAULISTA****(Vista da Fabrica)**

A melhor cerveja conhecida no Brasil

Lager — Pilsener — München — Stout (preta)

Agentes: em Santos = I. KIAUNIG.
em Campinas = B. F. NEGRÃO.
no Rio de Janeiro = F. W. KRAUSE, rua da Alfândega, 56Agentes geraes — **Zerrenner Bülow & C.^a** — Rua de S. Bento, 81 — S. PAULO**Fabrica em Agua Branca****Escritorio — Rua Formosa, 1****Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156 — LISBOA

Prestamos-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e recomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao óleo de fígado de bacalhau,
Superior às emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rápidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favorável de professores da Escola Medica, directores dos hospitaes, asylos e dispensarios, notáveis medicos eminentes especialistas.

Ensaado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco 1 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.ª classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone. 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as Imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias e drogarias do país

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. 1a General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



Exportadores
para todos os Estados
do Brasil

Officinas montadas
com todos os melhoramen-
tos modernos

AGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHOS
PINTEIROS
Cajita de Correo—691

101, RUA DO HOSPICIO, 101
RIO DE JANEIRO

VINHOS VELHOS

LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Socolo, 1865 e Socolo 1867 e 1871

ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMERCIO O's vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, olhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR—Porto

CANDIEIROS

Em todos os generos

Canalizações para agua e gas

—+—+—+—
Tubos de chumbo,
borracha, lona, latão e ferro
Louça de ferro esmaltado
Retretes de varios systemas
Objectos
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24
LISBOA

